

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$300

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua: Direita.

AVEIRO

DEPOIS DAS FESTAS

I

Passou por Aveiro a comitiva real e os jornaes monarchicos tem lançado aos ventos da publicidade uma boa duzia de cousas amaveis em honra do rei, noticiando que na estação do caminho de ferro d'esta cidade se lhe fizera uma festiva e «popular» recepção. Não demos por isso. O povo foi estranho, completamente estranho á passagem do prestito real, e se a estação, habitualmente erma de gente, se viu concorrida de varios magnates, representavam elles a auctoridade do districto, e iam, como servos submissos da monarchia que lhes paga, saudar, na sua passagem, o eleito da sua politica e quiçá das suas aspirações.

Dizer, porem, que o povo d'esta cidade tomou parte na recepção official, d'ante-mão preparada pelo velho facto do governador civil d'este districto que conhece sufficientemente Aveiro para fazer mover a seu talante todos os cordões da faciecia auctoritaria; dizer que o povo se intromette com as «festas de arraial» que a realza procura para seu desenfado — tantos amargós de bocca tem ella tido em Lisboa! — dizer que o povo laborioso da provincia se importa que o rei passe ou deixe de passar, é alterar a verdade dos factos para architectar pequenos castellos no

ar d'uma popularidade ficticia, que caem por terra ao mais ligeiro sopro. A causa do povo e a causa do rei são bem differentes para se identificarem, por mais foguetes que se lancem ao ar e por mais bandeirolas que se armem nas ruas. Estão definidos os campos, e os proprios sustentaculos da monarchia se encarregam de desprestigiar o systema que lhes tem dado os benesses e as graças com que acobertam a sua mediocridade.

Ainda agora, ao lermos a allocução com que a chamada «Associação Liberal do Porto», felicitou o rei, não podemos conter o riso diante da fidelidade com que os facetos «liberaes» da invicta fazem a pintura do nosso bello paiz e antecipam o cognome que a historia ha de dar ao ditoso monarcha que preside aos destinos d'este reino.

Diz assim a famosa allocução em dois dos seus periodos mais frisantes:

«Extinctos os ultimos fogos das nossas discordias civis, os diversos ramos da familia liberal portugueza tem secundado os desejos e os sentimentos de vossa magestade, e ha trinta annos, dizem os proprios estrangeiros, os que melhor estudam os nossos trabalhos productivos, que nenhum povo na Europa tem caminhado mais depressa do que Portugal, e nenhum se lhe avanta nem o iguala, certamente, nas suas leis, nas suas praticas e nos costumes liberaes.»

Pasmae, oh! gentes, d'esta fidelissima exposição do nosso mar de prosperidades e do nosso in-

effavel bem estar. Depois d'isto só restava aos patriotas da «Liberal», do Porto, accrescentar o seguinte:

«Eis aqui os titulos principaes, senhor, da grande gloria de vossa magestade. Não sabemos qual cognome a historia lhe dará; póde chamar-lhe — O Bom — O Honrado — O Liberal — O Constitucional — O Illustrado! — ha de encontrar um que resuma todos estes, que todos lhe são devidos.»

Deixem-nos rir á vontade para seguidamente fazermos a critica d'este delicioso documento que foi, por assim dizer, a symphonia d'abertura das festas portuenses.

Albano Coutinho.

O 14 DE JULHO DE 89

No instante em que escrevemos estas linhas é festejada ruidosamente em varios pontos do mundo civilizado aquella data memorável. O povo do seculo dezenove presta a sua grata homenagem de respeito aos grandes revolucionarios do seculo passado, ao mesmo tempo que sauda com alegria o alvorecer da liberdade humana.

Ha perto de cem annos que a França conquistou para o mundo os principios radicaes, e, não obstante, o espectro reaccionario levanta-se ousado deante de nós. Parte da Europa não se envergonha de tolerar a monarchia tradicional do direito divino e o catholicismo oppressor dos filhos de Roma. A Realesa e a Igreja, quaes viboras irritadas, enroscam-se-nos em volta do corpo pretendendo suffocar-nos. A Realesa pactua com os inimigos da pa-

tria, explora-nos esbanjando as nossas riquezas, nega-nos a liberdade que conquistámos em luctas tremendas, opprimindo-nos com um absolutismo que disfarça sob formulas liberaes. A Igreja affronta a consciencia publica, nega a sciencia, repelle os povos, apregõa o privilegio, bestialisa as multidões e desmoralisa as familias. A Realesa e a Igreja são dois productos monstruosos dos tempos remotos. Se já prestaram serviços á humanidade, hoje são dois abortos da civilização, dois cogumelos venenosos que matam quem os pretende saborear.

Camille Desmoulins, o suavissimo tribuno do povo, aquella alma generosa tão cheia d'amor, de coragem, d'indignação, não podia prever nas suas horas grandiosas de lucta a marcha lenta e demorada do progresso politico. E' impossivel, que ao derruir a obra em que mais se personificava o despotismo do rei, ao despedaçar o throno de Luiz XVI, lhe passasse pelo espirito a edêa afflictiva de que cem annos depois nos invadissem um jesuitismo nefando e um realismo despotico e covarde.

Desmoulins dançava com o povo no local raso onde fóra Bastilha, acreditando talvez no triumpho definitivo da liberdade.

Não conhecia aquelle povo que o ajudara na revolução. A monarchia fechava-lhe a mente a todos os solidos principios da sciencia, os unicos capazes de o prepararem para a lucta gigante em prol dos seus direitos e das suas regalias. Era estúpido, como o é hoje em Portugal, e portanto voluvel e portanto incapaz da comprehensão nitida dos absurdos do throno e do altar. Arrastava-o o instincto selvagem da conservação. Mas quantas duvidas, quantos temores pueris, quantas incoherencias, quantas ingratições, antes de chegar a trilhar o verdadeiro caminho da democracia!

Generoso povo, infeliz povo! Com a alma tão aberta ás edêas radicaes na parte que o fere pelo sentimentalismo e com o espirito tão fechado, por culpa da monarchia, á sua comprehensão exacta!

Não importa. Abençoada seja a me-

moria de Desmoulins, de Danton, de Hoche, d' Auvergne, de Robespierre mesmo! Os seus golpes valentes no edificio do passado aruinaram-no de todo. Os seus actos brilhantes como delegados da revolução foram a sentença de morte do velho realismo, do velho clericalismo. Temos avançado de vagar, mas temos avançado, e não tardará o momento em que nos precipitemos, em virtude da lei natural evolutiva.

As multidões agitam-se convulsas. Ouve-se o estalar dos thrcnos. A Republica em França está consolidada. Na Italia será um facto em breve, na Noruega se-lo-ha talvez amanhã. O czar não dorme com medo do nihilismo e a rainha Victoria espreeita os Fenianos. Em Portugal, em Hespanha, na Allemanha, por toda a parte, o povo investe com os reis.

E' o resultado da vossa obra, revolucionarios franceses! Benditos sejaes, porque nos destes a liberdade á custa da vossa vida.

O povo de todo o mundo ratifica hoje a vossa obra e consagra os vossos esforços.

Avante. Agora que um paiz da nossa raça sauda delirante a Revolução franceza, seja o grito dos republicanos d'Aveiro:

Viva a França!
 Viva a Republica!

O sr. Mendes Leite

Dizia ha dias o *Comimbricense* que confiava que o sr. Mendes Leite não veria com indiferença a propaganda atrevida do jesuitismo na freguezia de Cucujães, ou em qualquer outra do districto que administra.

«O soldado n.º 150 do antigo batalhão dos voluntarios academicos, acrescentava o *Comimbricense*, o bravo defensor da Serra do Pilar, hoje governador civil do districto d'Aveiro, de certo não deixará que a reacção se torne no seu districto ameaçadora para o partido liberal.»

Folhetim

DISCURSO

PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessão de 16 de julho de 1880

Pelo snr.

Saldanha Marinho

A «Vanguarda», acreditado periodico que se publica em Lisboa, e á testa do qual se acham os notaveis e distinctos litteratos Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Teixeira Bastos e outros, que honram a nação a que pertencem, nos dá a seguinte noticia: «Léo Taxil, o audacioso redactor da folha franceza «L'Anti Clerical» acaba de ser excommungado por Leão XIII. A bulla de excommunhão é curiosa. Não podemos resistir á tentação de publicar os principaes trechos deste documento. Ellos:

«Excommungamos e anathematizamos esse malfetor, que se faz chamar Léo Taxil, e o consignamos fóra do limiar da Santa Igreja de Deus.»

«Maldicto seja durante a vida e a hora da morte!

Maldicto em cada uma das suas acções.

quando comer ou beber, quando tiver fome ou sede, ou quando jejuar, quando dormir ou estiver parado; se sentar ou se deitar; quando trabalhar ou descansar; quando se entregar á volupiosidade; quando perder o sangue por uma ferida («mingendo, vacando, fleboromando»).

«Maldicto seja em todas as faculdades do seu corpo!

«Maldicto seja em tudo que constitue o seu ser, interior e exteriormente!

«Maldicto seja nos olhos e no cerebro!

«Maldicto seja no craneo, nas fontes, na frente, nas orelhas, nas sobrancelhas, nas faces, nos queixos, no nariz, nos dentes grandes e pequenos, nos labios, na garganta, nos hombros, na carne, nos braços, nas mãos nos dedos, no peito, no coração, no estomago, nas entranhas, nos rins, nas verilhas, nas côxas, nos órgãos genitales, nos quadris, nos joelhos, nas pernas, nos pés, nos artelhos e nas unhas!

«Maldito seja em todas as juncturas e articulações dos membros! Oxalá a doença lhe corra o corpo do alto da cabeça á planta dos pés!»

Um sr. Deputado:—Leão XIII pensa que nos achamos na idade média.

O sr. Felício dos Santos:—Isso é apocrypho.

O sr. Saldanha Marinho:—E' tão extravagante e mesmo, permita-se-me a expressão, tão estúpida, que ao ler um tal disparate pensei como V. Ex.; mas tive de ceder á evidencia, desde que pessoas cujos conhecimentos na materia eu muito respeito, me affirmaram que são esses os termos da celebrissima «citando».

O sr. Felício dos Santos:—Parece que não é authentico.

O sr. Saldanha Marinho:—Creio nos honrados cavalheiros que a publicaram.

O que, porém, é indisputavel, é que, se algum se arroja a vir á imprensa dizer livremente o seu pensamento, não incorrendo por isso em penalidade civil, está, todavia, exposto a um insulto como este.

Ora, pergunto a todos aquelles que sustentam a extraordinaria auctoridade pontificia, o que ganha o chefe da Igreja com estas arbitrariedades, o que ganha em envolver-se até na politica dos diversos paizes? O papa nada consegue com isso, perde tudo («apoiados»); o papa, como Pio IX fez e o actual continua a fazer, perde infallivelmente a Igreja catholica. («Apoiados») Respeitaveis e muito illustrados bispos catholicos protestam energeticamente contra os abusos da nova igreja de Pio IX.

O sr. Jeronimo Sodré:—Melhor para V. Ex.ª.

O sr. Saldanha Marinho:—Não sei para quem é melhor. Eu sou religioso só dentro do meu lar, juncto da minha familia; sou religioso commigo, em minha consciencia. Adoro a Deus como me parece, não faço ostentação da minha religiosidade perante quem quer que seja, e menos obedeço cegamente a nenhuma auctoridade em materia religiosa.

Entendo que, collocadas as cousas como se acham pelo mais infrene abuso papal, não somos nós os excommungados, e sim é a improvisada igreja da infallibilidade e do «Syllabus» a excommungada pela civilização moderna e por todos quantos não admitem mysterios, repellem milagres e não acreditam em aguas de Lourdes e outros quejandos embustes. («Riso. Apoiados»).

O sr. Ruy Barbosa:—E' uma industria como outra qualquer.

O sr. Jeronimo Sodré:—Mas acreditam em outras cousas.

O sr. Saldanha Marinho:—Por exemplo,

acreditamos que não ha ultramontano sincero.

Demonstrado como está que nenhum decreto de Roma póde, conforme a Constituição e como é reclamado pelo interesse politico do paiz, ter execução no Imperio sem achar-se revestido do beneplacito, achando-se o Breve «Quamquam dolores» e outros relativos ao mesmo objecto em vigor pelos bispos realicirantes, independentemente d'essa formula essencial, perguntarei: o governo considera-se armado de poderes legaes, para coagir os bispos a entrarem na orbita constitucional?

Se está legalmente armado para fazer executar o preceito constitucional, como explica a sua impassibilidade diante d'esse arrojado episcopato? Se o governo póde e deve corrigir o crime, e não o corrige, não é sómente cumplice n'esse insulto ás leis do Estado, é um conspirador contra a liberdade de consciencia e até contra a indispensavel segurança do cidadão.

Agora mesmo, lá está na cidade da Victoria (Espírito Santo) o celeberrimo bispo do Rio de Janeiro cujos creditos de «sciencia, illustração e caridade evangelica» estão firmados, até mesmo no animo dos nobres deputados que me honram com os seus apartes...

O sr. Monte:—É um prelado muito virtuoso e muito illustrado.

O sr. Saldanha Marinho:—Vá por sua conta e risco.

Esse bispo, como ia dizendo, está na cidade da Victoria e por occasião da chrisma executa esse breve «Quamquam dolores», e não admittie magens a serem testemunhas do acto, ou padrinhos, como me communicaram hoje por telegramma diversos respeitaveis cidadãos de todos os credos politicos d'aquellas

localidades, e em cuja boa fé e lealdade confio e se deve confiar.

Esse mesmo bispo obsta por todos os meios a approvação de compromissos de irmandades, exigindo que n'elles se estatua quanto manda esse celebre Breve da condemnação da maçonaria.

E' esse mesmo illustrado varão que nos despachos para casamento chega até aos maiores escandalos, e com manifesta offensa a respeitaveis donzellas e a seus dignos paes:

O sr. Felício dos Santos:—Eu o que acho é que é muito ingenuo nos seus despachos.

O sr. Saldanha Marinho:—O proprio clero brasileiro o repelle. («Apoiados e não apoiados»).

O clero que se respeita o destesta, por suas extravagantes exigencias, e pessimo tracto.

O do Pará ostenta descommunalmente o seu poder contra o governo e auctoridades civis. O auctor do «Direito contra o direito», por isso mesmo que é mais habil, tem mais ostentado o seu desdem pelas leis do Imperio e ninguém até hoje póde contrar al-o com vantagem. E' assim que, levantados os interdictos que elle tinha decretado a diversas irmandades, e que foram julgados improcedentes e revogados, em grau de recurso legal pelo governo e conselho de estado, e ses interdictos continuaram até hoje a vigorar, porquanto o bispo, que não cumpriu a ordem do governo, não consente que nenhum sacerdote tome parte em qualquer acto religioso dessas irmandades, e, o que é mais, tem dado ordem aos parochos para não acompanharem ao cemiterio os cadaveres dos irmãos d'essas confrarias, sob pena da celebre «ex informata conscientia».

O sr. Americo e Damim fazem signaes affirmativos.

O sr. Saldanha Marinho:—Tal é o estado

Permitta-nos o honrado jornalista, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, que lhe digamos que está completamente enganado no juizo que forma do sr. Mendes Leite. O governador civil d'este districto não nos dá edêa alguma do bravo defensor da serra do pilar. O seu estado pathologico é mau e sua excellencia soffre com certeza d'uma doença perigosa, que o tem inutilizado a pouco e pouco.

Cahiú n'uma modorra inexplicavel e tanto se lhe importa que o mundo corra torto como que corra direito. Cahiú no *laissez aller* dos francezes e não se incommoda com cousa nenhuma. Podem, pois, os jesuitas entrar á vontade pelo districto dentro, assentar ar-raiaes, abrir propaganda energica contra a liberdade, desmoralisar o povo, intrigar nas familias, que ninguem os incommodará.

Já estão cercados d'elles por todos os lados. Em Ilhavo ha um instituto de irmãs da caridade. Aquella terra, povoada na maioria por pescadores ignorantes, imbuidos d'um fanatismo bem conhecido na gente do mar, foi sempre um baluarte do clericalismo. E' uma das terras do districto que maior numero de padres fornece á Igreja e onde elles tem muita força. Para se vêr quanto alli domina a reacção basta citar um facto.

Ha annos foi collocado em Ilhavo como prior um padre de certa illustração, pouco atacado de fanatismo. O sacerdote, como se visse perseguido por um bando de beatas e não estivesse para as aturar, procurou repellilas. Pois tal procedimento indignou tanto a maior parte da população da villa que o prior não teve remedio senão curvar a cabeça, passar sob as forças caudinas, e sugar-se a gastar a vida confessando beatas.

Ora muito bem. Foi exactamente uma terra d'estas, que está pedindo uma escola d'instrução primaria em cada rua, que os jesuitas escolheram para theatro das suas façanhas. Alli se acantonaram, alli tratam d'atigiar até á loucura o fanatismo que invade aquella boa gente ha muitos annos, e d'alli não sabem, tudo com consentimento do sr. Mendes Leite, que nada ignora e que despreza as reclamações successivas que lhe temos feito, a ponto de nos indignar.

Temos respeitado muito V. Ex.ª, sr. Mendes Leite, porque lhe conhecemos as boas qualidades; mas francamente lhe declaramos que o vamos deixar de respeitar, se continua a desprezar as nossas instancias, instancias que só tem por fim favorecer a liberdade, como sabe demais. V. Ex.ª brinca decididamente connosco e nós não costumamos tolerar brincadeiras a ninguém. E' tempo de cumprir o seu dever, fazendo observar a lei. Continue-mos.

Quanto ao collegio jesuitico de Cucujães, não ha pessoa alguma em Aveiro que o não conheça desde a sua origem. O sr. Mendes Leite já foi

governador civil por mais do que uma vez depois que elle se fundou, e nunca lhe prestou a minima attenção. Se não nos enganamos fomos nós os primeiros que o apontámos ás autoridades, mas como de costume, clamamos no deserto.

Infelizmente, os successos posteriores vieram demonstrar se tinhamos motivo para isso. A' desordem, n'este instante, lavra no concelho d'Oliveira d'Azemeis e oxalá que não produz resultados funestos, isto é, resultados sanguinolentos, porque bem funesto é o desassoscego e lutas intestinas que os jesuitas introduziram nas familias d'aquelles sitios.

Se voltarmos os olhos para Aveiro, encontrámos um quadro que se não é já inquietador é pelo menos apprehensivo. Acabaram os conventos, diz-se. Que mentira! Elles ali estão com communidades regidas pelas antigas regras monasticas. Morreram as freiras professoras das Carmelitas e Jesus, e não obstante lá ficaram mulheres sujeitas ao velho regimen religioso. Coitadinhas! diz o povo ignorante na sua phrase singela. Coitadinhas talvez, se são más as suas circumstancias pecuniarias, mas tanto o são lá dentro como cá fora. Não se morre assim de fome, e demais se a compaixão nos ha de occupar o coração inteiro, então acabemos com leis e ordenanças e deixe-se reinár o arbitrio de cada um. Muito nos custa cortar um braço se o temos grangrenado, muito chorámos se o vemos cortar a um pae, a uma mãe, a um irmão, a um filho, a um amigo; mas emfim cortámo-lo ou deixámo-lo cortar para salvar uma vida que nos é cara ou precisa.

Quem diz á gente d'Aveiro que não entrou já o jesuitismo no convento das Carmelitas, no de Jesus, no de Sá? Quem lhe diz que lá não entrará d'aqui a dois dias, se não entrou ainda?

O facto é que existem n'esses conventos communidades e a lei prohibe as communidades. Todos os dias ouço o sino das Carmelitas, n'uma toada deliciosa que me traz ao espirito as recordações suaves da infancia ao mesmo tempo que me incomoda, porque me diz que ha alli um convento, chamando as freiras á predica. Cumpra-se portanto a lei e adeante.

Não ha muito que os jesuitas pretenderam comprar o convento das Carmelitas. Sei-o e posso-o afirmar. Pois esperem pela pedrada.

Eu vou terminar, sr. Mendes Leite. V. Ex.ª não cumpre a lei, V. Ex.ª protege os jesuitas. Proveio-o e affirmo-lhe que não ficarei por aqui, porque isto só não me contenta.

Um dia alguem, republicano, lembrou a V. Ex.ª os serviços que prestou á liberdade. V. Ex.ª respondeu-lhe—E' exacto, para vocês andarem agora aqui a gritar.

E' triste, sr. Mendes Leite, é para lamentar de veras que tanto o incomodem os gritos dos republicanos e

nada o incommodam as intrigas, as perfidias, as miserias dos jesuitas.

BAIRRADA

Continua a inspecção aos vinhedos do concelho da Mealhada e não appareceram por ora outras nodosas phylloxericas além das de que já demos noticia, e que foram encontradas em uma vinha situada na freguezia de Casal-Comba, onde o proprietario fizera uma plantação grande de bacellos da casta denominada *cascurrenho* oriunda de Torres Novas.

Manifestado o mal, os proprietarios visinhos começaram a assustar-se e só agora se lembram que elle pôde estender-se, tomando proporções colossaes. E' o caso que só lembra Santa Barbara quando tropeja. Mas os viticultores da Bairrada deviam esperar já ha muito que a phylloxera se approximasse dos seus vinhedos, se se dessem ao trabalho de tomar a sério os avisos que lheeram feitos pelos homens que a iniciativa official tem posto á frente da campanha anti-phylloxericas e pela situação precaria em que se viam os povos do Douro e alguns de Traz-os-Montes, Beira Alta e Extremadura. A ennumerção das desgraças alheias tem sido feita em voz tão alta que a Bairrada não podia deixar de ouvir os clamores repetidos d'um extremo ao outro do paiz. Ouviu e não fez caso. Tanto peor para ella, tanto peor para a sorte das suas abençoadas vinhas!

E agora, que tem em casa o calamitoso hospede, agora que não pôde lançar os olhos para Casal-Comba sem avistar o paradeiro do terrivel inimigo, agora, será tempo, mais do que tempo para a Bairrada, pela união dos seus homens importantes, se penetrar da crise em que se acha e inaugurar desde já uma campanha de defeza em prol das suas vinhas ameaçadas, enchendo-se de coragem para prevenir o mal e para tratar a doença.

Se não fizer isto, a Bairrada arruinar-se-ha fatalmente.

CARTAS

Lisboa 13 de julho.

Estamos em perfeita calma politica. Os partidos descansam um pouco n'esta epocha de calor ardente, preparando-se para a lucta da parte restante do anno.

Sua magestade passeia, ou antes passeiou, porque já está em Lisboa. Aqui ninguém se importa com o rei e ninguém deu portanto pela sua chegada.

collegas, no mais forte da lucta ecclesiastica estaremos livres da persiguição dos bispos, intransigentes. Esse nobre conselheiro, comprehendendo o perigo a que o paiz era exposto, não trepidou em propôr a deportação desses anarchisadores da consciencia e da familia.

O sr. Jeronimo Sodré:—Grande meio! O sr. Saldanha Marinho:—Sem duvida. Se bem que extremo, é um grande meio contra aquellos que preferem ser súbditos do Papa, ou de quem quer que seja a ser cidadãos brasileiros. Antez essa satisfação á opinião publica do que levar o povo ao desespero e cogil-o, por seu instincto de conservação, a por si mesmo libertar-se de seus perseguidores.

Senhores, antes prevenir o mal do que corrigil-o depois. Acreditem que, se os negocios publicos continuarem a ser tratados no Brazil, como até aqui, não é de admirar que cheguemos á nossa epocha de Terror, e ella hade vir á falta de patriotismo dos governos dar esse resultado.

O sr. Jeronimo Sodré:—Prégam doutrinas destas e dizem que nós é que perseguimos. O sr. Saldanha Marinho:—Pregos a por que assim é que nós havemos de prevenir males muito consideraveis no nosso paiz.

O sr. Jeronimo Sodré:—Não se previnem males com actos desses, absurdos e violentos.

O sr. Saldanha Marinho:—O que eu digo é que serão praticados. Se são absurdos e violentos, não são senão a consequência inevitavel do absurdo e da violencia.

Ainda é tempo, porém, de os evitar.

O sr. Jeronimo Sodré:—Não conseguem nada.

O sr. Saldanha Marinho:—Ha de conseguir-se tudo, desde que houver um governo que bem comprehenda o seu dever, e que, mirando a felicidade do paiz, deixe de con-

O sr. D. Luiz julga que os syndicateiros do Porto são o maior baluarte da sua dynastia. Como se enganar! Os syndicateiros não são mais que uns reles ambiciosos que lhe voltam as costas na primeira occasião. Emquanto o rei lhe dá de comer fazem-lhe muita festa, quando elle nada tiver mandam-no procurar outra vida.

Entretanto a realaes convenceu-se de que o Porto é o esteio da monarchia e ninguem a convence do contrario. O Porto ha de fazer o que o resto do paiz fizer, e se o não fizer tanto peor para elle.

—Continua a venda infamissima dos empregos. Todos os dias os jornaes nos fallam de novos escandalos. A podridão lavra intensamente e não ha delê-la. A monarchia decompõe-se a correr. Deus a chame a si o mais depressa possivel.

—O club Mouzinho da Silveira commemora amanhã em sessão solenne a tomada da Bastilha. Estão convidados para abrilhantar essa sessão alguns dos homens mais notaveis do partido republicano.

Promette ser uma festa esplendida. O Centro eleitoral republicano federal tambem commemora aquella data gloriosa.

VARIEDADES

EXPEDIÇÃO

DE

VASCO DA GAMA

Feita a aguada, deu a esquadra á vela, e a 8 de dezembro novo temporal a accommetteu; tão violento que a dispersou e conternou as equipagens. Amainado elle, ganharam de novo a costa, e Gama resolveu não se affastar muito d'ella por ignorar o modo de navegar n'aquelles mares. A 10 de janeiro de 1498, tendo percorrido cerca de duzentas e trinta milhas desde o sitio onde haviam feito aguada, descobriram pequenas ilhas, mui agradaveis á vista, atindadas de corpulentas arvores, com prados cobertos de verde alfombra, onde pastavam muitos rebanhos, passeando tranquillamente pela praia os naturaes, que eram tambem negros. O almirante ancorou n'esta costa e mandou a terra um dos seus homens, bem versado na lingua dos pretos, a apresentar seus respeitos ao rei. Foi recebido politicamente, e despedido com presentes de fructos do paiz. Eram estes povos mais civilizados do que todos até então encontrados; traziam braceletes ou manilhas d'oiro nos braços, capacete de cobre na cabeça, espada á cinta, com guardas de estanho, e bainha de marfim, primorosamente lavrada. Havia

na esquadra dez malfeteiros condemnados á morte, aos quaes se commutára a pena sob condição de fazerem esta viagem. Gama deixou dois na praia d'este rio, que appellidou S. Raphael, afim de se instruirem da natureza e costumes do paiz, com promessa de os buscar quando por alli voltasse.

A 15 de janeiro chegaram á foz de um rio mui largo, cujas margens alcatifadas de verdura, eram sombreadas por formosas arvores carregadas de fructos. N'essa manhã Gama ancorou n'este sitio, e os naturaes vieram a bordo, depois do meio dia, em pequenos barcos, sem o mais pequeno indicio de receio ou temor. Receberam-nos mui bem, mas não se lhes entendeu a linguagem. Quatro dias depois vieram quatro dos seus chefes apresentar ao almirante os seus respeitos; foram tratados primorosamente e brindados com peças de seda, o que lhes causou grande alvoroço. Um d'elles que fallava imperfeitamente a lingua arabe, disse que havia poucos dias chegára de um paiz ali proximo, onde vira embarcações eguaes ás nossas, o que muito animou a coragem dos navegantes, da esperanza de gosar em prestes os thesouros da India. Nas praias d'este rio, que se baptisou com o nome de Bons Signaes, se levantou um padrão de pedra com as armas de D. Manuel, tendo sobreposta uma cruz. De Lisboa tinham os nautas levado padrões eguaes, para irem marcando as nossas descobertas.

Calafetados os navios, e refrescada a gente, deu-se á vela a 24 de fevereiro, e no dia 1.º de março descobriram-se quatro ilhas pouco distantes umas das outras. Junto de uma d'ellas estavam quatro embarcações com as velas desferradas, cercando outra, que pelo pavilhão mostrava ser a ammirante. Apenas os que as tripulavam julgaram que podiam ser ouvidos levantaram aclamações saudando os nossos marinheiros em lingua arabe, e quando mais proximos fomos, tocaram instrumentos, e com grandes brados de alegria felicitaram o almirante pela chegada daquellas paragens. Eram homens de tez bronzeada, bem feitos, vestidos elegantemente com fatos de seda, tendo na cabeça turbantes de fina tela com broches d'oiro, pendendo-lhes punhas da cinta, e estudos sobre a armadura. Recebidos a bordo pelos nossos, que lhes entendiam a lingua, ordenou o almirante que lhes servissem uma collação. Em quanto comiam, foram perguntados sobre o nome d'esta ilha, usos e costumes dos seus habitantes e de quanto d'alli distaria a India. Responderam que a ilha se chamava Moçambique, pertencia ao rei de Quiloa e era regida por um governador da sua nomeação. A crescentaram que grande parte d'ella era habitada por mercadores arabes, que traficavam por mar com a Arabia, India e outras partes do mundo. Disseram tambem que os nossos haviam passado por Sofala, abundante em oiros; e finalmente informa-

em que se acham as cousas em relação ao direito politico do beneplicito.

E' por termos chegado a taes condições que eu, provocando o governo ao cumprimento do seu dever, lhe pergunto se se considera ou não autorizado a manter ou fazer cumprir o preceito constitucional dos beneplicitos.

Vamos porém, ao que nos cumpre discutir. Tratemos da questão na altura em que deve ser collocada e o tem sido por mim.

Perguntaram-me se em fôsse governo qual era o meio de que lançaria mão.

Vou responder. Para que o bispo possa ser investido da jurisdicção é necessario um Breve especial; para que o Breve tenha execução no Imperio é indispensavel que seja autorisado por beneplicito.

Sem Breve não ha jurisdicção, sem beneplicito não ha Breve, e, por consequencia, em qualquer tempo em que fór cassado o beneplicito, contra o que nenhuma lei positiva existe, desaparecerá a acção do bispo, o qual desde logo deixará de ser funcionário do Estado.

O sr. Felicio dos Santos:—Mas elle continuava a ser obedecido pelos catholicos da mesma maneira.

O sr. Saldanha Marinho:—Pouco importa isso. Os fanaticos farão o que lhes fór inspirado pela perversidade romana, mas a policia e em falta della o proprio povo a seu turno fará conter os fanaticos. Bispo sem congrua e sem diocese; bispo que não tem jurisdicção, que não tem autoridade, é quando muito um official honorario do exercito pontificio.

Os sr. Felicio dos Santos e Jeronimo Sodré dão apartes.

O sr. Saldanha Marinho:—Estou convencido de que, se o illustre conselheiro o sr. João Alfredo, tivesse o apoio franco de seus

Sustentarei as minhas opiniões com franqueza, lealdade e com a maior energia de que posso dispôr. E não me falta força para isso porque não digo senão o que me dicta a consciencia, exprimo a minha convicção, embora degradado a quem quer que seja, e a despeito de todos os entraves que se me oppoñam. A excommunição dos despotas ou dos padres nem altera a serenidade de meu espirito, nem influe para que eu deixe de cumprir conscientemente o meu dever.

Vou terminar a materia do 1.º ponto da minha interpeção, resumindo-a nas seguintes perguntas ao governo:

Considera-se ou não armado da facilidade legal para manter e fazer effectivo o direito politico do beneplicito?

No caso de affirmativa, porque não tem obrigado os bispos ao cumprimento do seus deveres? Porque assim se tem com elles tornado, se não co réo, pelos menos complice nas positivas offensas por elles praticadas contra explicitos direitos civis e politicos dos cidadãos brasileiros?

Se não tem lei em que se firme para obstar aos abusos commettidos, porque não vem ao corpo legislativo reclamar as medidas necessarias para isso?

Responda o governo com a lealdade indispensavel; diga-nos se é participante com os bispos nos crimes por elles commettidos, ou se está disposto a reagir contra esses tartufos, que em nome de Deus atropñam a liberdade de consciencia.

Venha qualquer resposta, seja ella sincera, basta da mistificação. A cada um a sua responsabilidade...

Continua.

ram sobre a distancia de Moçambique a Calicut, de modo que a nossa gente rendeu graças a Deus por ver proximo o termo da viagem.

Moçambique está assentado na parte d'África a que antigamente se deu o nome de Agésima. O paiz é doentio pelo grande numero de pantanos, e habitado por negros vivendo em grutas cobertas de colmo. Apesar d'isso, navios de todas as nações ali concorriam, pela commodidade do trafico, se bem que as riquezas e poderio da ilha estavam concentradas na mãos dos arabes, que se serviam de pequenas galeras, cavilhadas com madeira em vez de metal, e calafetadas com folhas de palmeira. Esta arvore cresce n'aquellas regiões até grande altura, cobre-se de compridas folhas aguçadas, formando com os seus ramos aprazíveis sombras, e dando por fructo as nozes a que chamam cocos.

Estes arabes usavam de bons instrumentos nauticos, e andavam munidos de cartas maritimas bastante exactas. Conversaram mui familiarmente com os nossos marinheiros, aos quaes tomaram por mahometanos da Barberia, e depois de receberem testemunhos da generosidade do almirante, encarregaram-se de apresentar da parte d'este ao governador os presentes que lhe enviava. Este homem ficou tão satisfeito com os presentes do Gama, que resolveu ir fazer-lhe uma visita a bordo, e assim lh'o mandou comunicar. O almirante fez pegar em armas a sua tripulação e foi recebido ricamente vestido de factos bordados, com uma bella espada guarnecida de diamantes, e acompanhado de muita gente d'armas com tambores e fanfarras. Acabadas as reciprocas saudações, o governador e seu sequito foram mui bem tratados por Gama, com quem conversou amigavelmente. Entre outras perguntas feitas por aquelle, foi uma se eram turcos ou moiros; de que armas se serviam na guerra, e se tinham livros da religião de Mahomet. O almirante respondeu-lhe que vinha do Occidente; que além das armas que via na sua gente, tinha outras de admiravel força, não só capazes de destruir exercitos inteiros, mas de derrubar tambem as mais fortes cidadellas. Acrescentou que ia em demanda da India, e pediu-lhe piloto em quem podesse confiar.

Foi deferida esta petição com alegria, porque no dia seguinte voltou com dois pilotos que por certa quantia se encarregaram de marear as naus até Calicut. Até então não houvera senão bons officios entre portuguezes e insulares, porém a harmonia durou pouco. Apenas o governador soube que os recém-chegados eram christãos, toda a amizade trocou em odio, e principiou a traça para perder o Gama. Foram os portuguezes insultados pela população; a vida do almirante correu perigo que felizmente teve a ventura de descobrir! Um dos pilotos fugiu, e alguns dos nossos, que tinham ido para fazer aguada, e cortar lenha, foram atacados por sete embarcações. Perderiam a vida se em seu socorro não fossem outros barcos, e se não se disparasse a artilheria que poz em consternação e fuga os aggressores.

(Continua.)

BIBLIOGRAPHIA

Cabe-nos a honra de agradecermos os dois folhetos que se seguem: Abaixo o Jesuita de Ernesto Pires —Publicou-se na commemoração do anniversario da entrada do exercito libertador na cidade do Porto. Pelos modos porque os jesuitas tem creado raizes, creio que ainda temos de saber para a rua armados de lança, espada, carabina e revolver tal e qual como uma panoplia para os expulsarmos do paiz a ferro e fogo. Não queremos conventos, não queremos frades e apesar do nosso respeito pelo sexo amavel, nem freiras queremos. Se assim vamos converteremos Portugal n'uma colmeia de parasitas que nos fallam de Deus e exploram o proximo. O poeta applica-lhes uns causticos, mas elles como Trajano não se doem de pedradas a uma estatua, nem de ballas de papel.

Os governos fariam o seu dever se lhes indicassem a fronteira, e com uma vassoura os sacudissem com o lixo para as terras de Hespanha, ou os enxotassem com um azorrague até ás ondas do Oceano.

Questão da Sebenta—Carga Terceira—Camillo Castello Branco fixa o padre Rodrigues pelas orelhas no pelourinho da critica, tira-lhe a pelle com essa histuri afiadissimo, e depois de o polvilhar de riso, e de chasquear sem piedade lembra-lhe que os estragos feitos com a questiunça das virgulas, dos adjectivos, das bullas e das infallibilidades custa já presentemente ao leitor 780 réis.

Que o padre lhe retruque é o que desejamos para nos rirmos ainda uma vez á custa d'elle.

Abello Freitas.

O Campeão das Provincias vinha na quarta feira irritado conosco. E' costume velho. Quando os republicanos lhe não fazem a vontade, aqui d'el-rei que são estes e aquelles.

Que magnificas pessoas não seriam se nos prestassemos a ser os creados submissos d'aquelles magnates da Granja! Se pegassemos com reverencia na cauda do sr. Manuel Firmino, as trombetas progressistas lançariam ao mundo os altos feitos, gloriosos e heroicos, dos republicanos de Aveiro. Assim, não temos outro remedio senão continuar a viver n'esta humilde gloria.

Mas vamos ao caso. Afirma o jornal da Vera Cruz que os republicanos da terra reforçaram na eleição da Misericórdia as phalanges regeneradoras, assistindo o seu chefe a amidadas conferencias no gabinete do delegado de confiança politica da monarchia.

Mente, seu articulista de má fé. Emprazamo-lo a que nos prove, dentro de poucos dias, que esse individuo que denomina chefe dos republicanos de Aveiro assistiu a qualquer conferencia politica ou não politica no gabinete do sr. governador civil. Se o não fizer será tido para nós e para toda a gente honrada como o ultimo dos calumniadores.

E saiba bem que os republicanos não tem chefe. Aqui não ha obediencia cega e inconsciente. Ha criterio e consciencia, não obramos sem pensar, subordinamos o nosso procedimento aos principios e á moralidade e por isso mesmo somos republicanos. Lá com os senhores o caso é diferente.

Quando o nosso centro rezolver por maioria obrar d'este ou d'aquelle modo em qualquer circumstancia politica, creia que não haverá aqui um unico republicano que se não curve perante tal resolução, porque é forte, felizmente, a nossa disciplina. Quando nada resolver, como no caso presente, entende-se que cada republicano ficou com a sua liberdade d'acção, sem reconhecer chefaturas nem chefes.

E o articulista demonstra-o claramente, apesar da sua insidia.

Não nos diz que na lista derrotada figurava um republicano? Não consentiu por ventura esse republicano, que muito estimamos aliás, na sua eleição? Por outro lado, quantos republicanos figuravam na lista vencedora? Um só, no meio de doze eleitos. O que prova tudo isto?

Prova que os republicanos não fizeram da eleição da Santa Casa da Misericórdia uma questão politica, como torpemente a fizeram, para evidenciar ainda mais a decadencia da monarchia, regeneradores e progressistas; prova que não houve combinações de qualidade alguma, porque se as houvesse, nós não somos tão tolos que deixassemos eleger um só republicano; prova que, apesar de reconhecermos que a politica aticava a lucta, preferimos do mal o menos, tentamos um unico esforço em bem da moralidade d'esta terra e procurámos n'uma lista e na outra os nomes que nos pareceram mais serios e honestos.

O resultado foi desfavoravel aos progressistas. Pois tenham paciencia. Nós, redactores d'este jornal, não escondemos que gostamos d'isso, por

que não achavamos a gente progressista capaz de gerir os negocios da Santa Casa. E' muito possivel que a achemos propria um dia para outras administrações e não lhe regatearemos então, creiam, os nossos applausos.

Diz o Campeão que se praticaram irregularidades na Misericórdia. Quem o duvida? Isso é proprio dos monarchicos. Praticaram-se na Misericórdia e praticam-se em todos os estabelecimentos d'esta terra, incluindo a camara municipal, onde ellas são enormes. Ora agora o que é verdade, é que se os progressistas chegam a entrar na Santa Casa, aquillo vae tudo por agua abaixo, e por isso mesmo não queremos que lá ponham o pé. Os outros já não são bons, mas os senhores são muito piores.

Ade lá o Campeão com os seus ataques á administração da Misericórdia. Ponha os pontos nos ii, sem trapacear como costuma, que lhe bateremos palmas. Chegue-lhe bem, porque enfim sempre presta um serviço importante pondo a nú uns certos poderes encobertos.

Mas olhe lá! Não se esqueça de que na meza transacta estava um republicano que protestou sempre com mais algueim, e energicamente, contra os abusos que conhecia.

Então em que ficamos a respeito do desaparecimento da creança em Pegueiro? O infanticidio já deixou de ser crime punido pelo Código Penal? As autoridades são pura e simplesmente peças da machina eleitoral governativa? Já nem ao menos guardão as apparencias? Compra-se então um voto com o perdão d'um assassinato?

Muito desejavamos resposta a estas nossas ingenuidades. Ao sr. juiz de direito d'Agueda pedimos faça dar uma satisfação ao publico indignado. Ao sr. delegado do procurador regio na comarca pedimos o mesmo.

A integridade da magistratura judicial é o mais resistente cimento da conservação social. A mais tremenda dissolução e a mais visinha transformação seguirão fatalmente e mui de perto a veniaga e a parcialidade do poder judicial. Se ha alguma consciencia onde isto ainda não penetrou, que medite e se convença.

O Districto diz que o rei foi saudado com enthusiasmo pelo povo, quando passou na estação d'esta cidade.

Aquelle orgão sem vento é impagavel. Quem é o povo? E' o Inverno, o Francisquinho das Noticias, a pobre e innocente burocracia que o sr. Mendes Leite leva adiante de si como um bando de perus?

Ora deixem-nos rir.

Os pobres distribuidores da posta rural, além da anemia que lentamente os mina—resultante logica dos trescentos réis—tem ainda ao que parece, no entender da estação superior, de comprar malas á sua custa para o serviço publico. Um dos de Sever do Vouga mostrava ha dias, com pismo das gentes! a mala toda esboracada e perfeitamente incapaz. Tem sollicitado debalde. Injusto e infame regimen onde os salarios e os prementos são inversamente proporcionaes aos trabalhos e aos sacrificios. O sr. Madeira Pinto, organisador da posta rural n'este districto, é diligente e activo; supponho-o tambem desejoso de acertar; mas este cavalheiro não percorreu a pé e cremos que nem a cavallo o giro dos distribuidores, e só fazendo-o é que possuiria o principal elemento para informar a estação competente a respeito da justa nota d'ordenado compensador. As estampilhas não tem gomma. Nem por Santo Antonio, nem pelo diabo é possivel segural-as. São intuitivos os inconvenientes que d'aqui podem resultar.

Vejam isto, senhores, vejam isto. Sabemos que o vosso patrão, mestre Hintze da Coronada e da engenhadia anda muito occupado; mas vós cá de baixo fazei alguma cousa.

O sr. Manuel Firmino, o homem da batuta no comicio do anno passado, é um dos typos meliores que temos visto.

No dia da eleição da santa casa, estava na igreja da Misericórdia com um grupo de individuos. Lá quando a questiunçula travada entre a mesa e

os granjolas lhe não agradava, exclamava irritado:

—Fóra, fóra, e o grupo repetia em coro automaticamente—Fóra, fóra. Quando elle se calava, os homens calavam-se, quando elle gritava, os homens gritavam. Esplendido! E um chefe de partido não duvida representar um papel d'aquella ordem!

Um escriptor espirituoso descreveu n'um bello livro alguns dos bons typos aveirenses. Esqueceu-lhe, porém, o sr. Manuel Firmino. Que pena! Lembramos-lh'o para uma nova edição, porque é delizioso.

Alguem d'esta terra mandou dizer para o Diario de Noticias que sua magestade fora immensamente aclamada na estação d'Aveiro, quando passou para o Porto.

Aquelle immenso immensamente cheira a Francisquinho.

Oh sr. governador civil, porque é que v. ex.ª não leva á estação com o Inverno e o Noticias, o Joaquim Porteiro.

Então é que as immensidades das aclamações reaes encheriam Aveiro.

As tendencias arboricidas da gente portugueza fazem-nos pasmar. Só por uma bestialidade, uma aberração intellectual se compreheo esta mania de cortar arvores a torto e a travéz, que se nota por toda a parte. Uma das estradas mais bellas que nos conduzem aos suburbios da cidade é sem contestação a que vae do antigo largo de S. Sebastião a Arada. As arvores imponentes que a orlam encantam-nos a vista e favorecem-nos a saude. Entretanto vão desaparecendo a pouco e pouco, não sabemos como nem por que meios. E' selvagem, concordemos.

Ao sr. presidente da camara, que conhece por certo o cuidado especial com que a França e a Alemanha tratam hoje da arboricultura e os resultados que tem tirado d'ahi, que não ignora quanto a arborização concorre para a saude publica, pedimos o especial obsequio de prestar a sua attenção ás estradas do concelho procurando evitar vandalismos bestiaes e mandando plantar arvores de boa qualidade onde ellas não existem.

Lembramos-lhe em especial a estrada d'Arada.

O Campeão de hontem torna a impiccar conosco. Não ha que ver, o orgão progressista quer festa. Pois olhe que não costumamos fazer-nos rogar por muito tempo. Se quer festa, terá festa.

Emprezamo-lo em outro lugar a dizermos qual foi ou quaes foram os republicanos que assistiram ás conferencias politicas do sr. governador civil. Responda-nos breve e entretanto cá nos ficamos a rir das suas apregoadas moralidades. O Campeão a fallar em contias!

Em contias!!! Perdeu a vergonha de todo.

A camara de Sever do Vouga pagou em meados de junho proximo passado o ultimo trimestre de 1882 a alguns dos seus professores, deixando de pagar ao professor e professora da villa. O fundamento apparente e a desculpa irracional de tão insolito quanto injusto procedimento foi a deliberação da commissão executiva, cortando 20,000 réis na verba destinada a cada um d'aquelles funcionarios no orçamento do anno corrente. Esta redução é perfeitamente explicavel á vista da pobreza do cofre municipal, á vista do grande subsidio pedido á junta geral e mórmente em attenção á falta de notas explicativas. Se n'uma d'estas se declarasse que a verba de 140,000 réis, consignada no orçamento e applicada á sustentação de cada um dos professores mencionados, se compunha das parcelas—120,000 rs. ordenado fixo minimo das escolas elementares de cabeça de concelho, consideradas urbanas pela lei vigente, e 20,000 réis da antiga gratificação da camara garantida como direito adquirido pela lei. E assim pagou a camara desde a epoca da execução da actual lei (1.º de julho de 1881 até agora.) Ultimamente a resolução da commissão executiva submettida á apreciação d'uma corporação perleita e crassamente ignorante, recebeu uma interpretação asinina, em que é unico culpado o seu presidente, se não o con-

selheiro do mesmo. A isto presidio consideravel má fé e consideravel má vontade, além de muita cousa bem peor do que isto.

Portanto não se pagaram 35,000 réis ao professor e outro tanto á professora. Esta valeu-se do recurso proprio do seu sexo—chorou em plena camara, onde fóra chamada grosseira e incivilmente para tomar conhecimento da fausta nova, e aquelle procedeu como os homeus honrados e dignos em presença de certas asquerosidades... virou as costas á digna vereação e fechou a aula, jurando nunca mais ser roubado por ladrões conhecidos.

E' verdade que na gare estava no domingo passado um grupo de operarios, que se conservou de chapéus na cabeça e braços cruzados face a face com a magestade E' verdade que os vivas reaes foram uma chinfrineira dirigida pelo pobre diabo do Inverno.

Entretanto quando el-rei tornar a passar em Aveiro, o povo trabalhador ha de lhe mostrar o que são aclamações.

Entende-nos, sr. Mendes Leite? A culpa não é nossa, é d'esses imprudentes que apregoam mentiras.

Na ultima quarta-feira teve lugar no governo civil d'este districto a inspecção dos mancheos recenseados para o serviço do exercito e armada. Compareceram 23 mancheos, ficando, 13 apurados, 8 isentos, 1 em observação e 1 temporisado.

Os apurados foram entregues ao sr. Governador militar e ficaram addidos ao destacamento de infantaria n.º 9 esperando destino.

Conta o Povo, do Funchal: «Um desalmado ministro da religião de Roma e que apresenta o rebanho de Christo na freguezia de S. Julião de Setubal, acaba de abandonar uma desgraçada de quem tinha quatro filhos.

Eis aqui um exemplo edificante, que demonstra até á evidencia de quanto seriam capazes os homens da seita negra, se o governo da sociedade lhe tornasse a cair nas ventas unhas!

Conta-se tambem que este santo varão, exigia a dois seus parochianos a insignificancia de nove mil réis, para os unir matrimonialmente.

Podera, pois elle reconhecendo a excelente faculdade que concede o celibato de poder mudar de mulher quando lhe convenha, entende e entende muito bem, que deve difficultar aos seus concidadãos a aquisição de mulheres, para assim os fazer entrar na regra do bom viver.

E são estes meliantes de saias os que querem o exclusivo de reger e moralisar a sociedade.»

Uma muito fresquinhal! O Sá Carneiro, antigo phylloxera do Collegio Militar, appareceu-me aqui em companhia do seu muito amado Zulu!!!

Que tudo isto estava podre sabia eu! Mas que os..... passejavam com a Magestade em pleno dia, era o que me restava ver!!!

Grand Rubais.—Recebemos e a grã decemos o Catalogo n.º 4, contendo Littérature, Géographie, Voyages, Philosophie, British authors, Histoire, Sciences, Technologie, Beaux-Arts, Agriculture, etc dos livros que se vendem com grande abatimento na Livraria de Ernesto Chardon, que envia o Catalogo gratis a quem o pedir.

Está no prelo o Catalogo n.º 5, de diversos livros Francezes, Portuguezes e Hespanhoes.

Os principaes generos alimenticios regulam no no nosso mercado pelos seguintes preços:

Table with 2 columns: Item and Price. Items include Trigo gallego 20 litros (900), tremez (820), de fora (1000), Milho branco da terra (760), amarello (740), branco de fora (700), amarello de fora (680), Feijão larangeiro 20 litros (1260), amarello (900), amarello (350), vermelho (1100), rajado (800), prelo (600), frade (800), Cevada (400).

ANNUNCIOS

PHARMACIA

VENDE-SE a da Costa-de-Vallade, a 7 kilometros d'Aveiro. Estã bem sortida e afreguezada e em bom local. Para esclarecimentos ou tratar, dirigir-se a Bento Casimiro Feio, no mesmo logar.

VENDEM-SE

Duas commodas de nogueira preta de raiz, com pedras de marmore branco.

E' o mais bonito e melhor que se pode encontrar em nogueira preta. Qu em as desejar ver e comprar, pode dirigir-se a 5—Rua d'Alfandega—6

! NOVIDADE!

Ourivesaria Manu-
factora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

ATTENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

ENCADERNADOR

93—RUA DIREITA—93

AVEIRO

Nicolau A. S. Guerra, acaba de abrir a sua officina, na Rua Direita n.º 93.

Encarrega-se de toda e qualquer encadernação por preços excessivamente modicos; garante a promptidão e perfeição do seu trabalho.

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarello gordo de boa qualidade a 1:600 reis por cada arroba antiga (14,688) e a retalho a 120 reis o kilo, vende se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

O Microscopio

Publicação litteraria e charadística continua sabindo regularmente este interessante semanario contendo varios artigos d'instrução e recreio, poesias, charadas, enygmas, logogriphos, problemas, etc, etc.

Em todos os numeros são offerecidos premios aos decifradores.

AVULSO 5 RÉIS

Assignatura

Em Lisboa—Anno 240—Semestre 120—Trimestre 60—Provincias—Anno 360—Semestre 180—Trimestre 90—Toda correspondencia deve ser dirigida para as Escadinhas de S. Crispim, 9, Lisboa, a J. M. Moreira.

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA

DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL

SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 30 ANOS



GARANTIA POSITIVA E ILLUMINADA

DE LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semeanaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER
75, Rua de José Estevão, 79
Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

NUNCA MAIS

gastará dinheiro em solas nem tacões, quem usar os portectores do calçado, invenção privilegiada de John Blakey. Vendem-se pelo modico preço de 200 rs. na loja de tamancaria de Manoel dos Reis S. Thyrso.

13—Rua dos Tavares—13

(à Praça da Fructa.)

AVEIRO

Sem offensa ao 103,
Boto verso d'esta vez

Porto fino, bom Madeira
Ide depressa e tereis
Do verdadeiro,
Lá na Praça do Commercio
Loja n.º 26,
Em Aveiro

Eduardo, o successor
De firma antiga, afamada,
P'ra *cadeaux* de consoada,
Banquetes, bodas, saráus,
Mandou vir directamente
Das mais illustres adegas
Para acabar co'as *bodegas*,
Que vendem certos *maráus*.

Ficac pois sabendo todos
Clero, Nobreza e Povo,
E vinde comprar o ovo
Barato, por um real
É na Praça do Commercio,
Loja n.º 26,
Onde o Porto encontrareis
Mais o Madeira Bual.

NO PRÉLO

O CORPO HUMANO

Edição Illustrada

Esta obra, illustrada com 44 GRAVURAS elucidativas do texto, precedida d'uma gravura colorida representando a circulação do sangue (pulmões, arterias e veias) e impressa em MAGNIFICO PAPEL, formará um grosso volume in-8.º de 400 paginas, pouco mais ou menos.

Afim de facilitarmos a aquisição d'esta excellente publicação, resolvemos dividil-a em 5 FASCICULOS, custando cada um 200 reis.

O prospecto é remetido a quem o pedir a ERNESTO CHARDRON, EDITOR PORTO

SCINTILLAÇÕES

E SOMBRAS
POR

Ernesto Pires

ACHA-SE À VENDA EM AVEIRO NA LIVRARIA DE

Mello Guimarães

NOITES ROMANTICAS

F. N. COLLARES
18—LISBOA, RUA DA ATALAYA

O Rei do Crime

LURO VELÓCE & C.ª

Grande Romance de costumes contemporaneos, cuja acção principal se passa em Portugal e Brazil por C. BONHEUR

illustrado com magnificas gravuras de senhos francezes.

50 rs. cada semana 5 folhas ou 4 e uma estampa em todo o paiz.

Brindes aos srs. angariadores de 6 até 40 assignaturas.

BRINDE À SORTE
UMA INSCRIPÇÃO DE 100\$000

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

THEATRO AVEIRENSE

Duas unicas recitas dadas pela Companhia do Theatro do Gymnasio de Lisboa, da qual fazem parte a actriz D. Lucinda Simões e o actor Furtado Coelho, com o

†Demi-mondi—e Thereza Raquim.

Preço por assignatura para cada recita—camarotos de frente 2\$500, avulso 3\$000; ditos do lado 2\$250, avulso 2\$500; ditos de 2.ª ordem 1\$800 avulso 2\$000; frizas de frente 2\$250, avulso 2\$500; ditos de lado 2\$000, avulso 2\$250; cadeiras 600, avulso 700; superior 400, avulso 500; geral 240, avulso 300; galeria 160, avulso 200.

A companhia vem inpreterivelmente, os dias das recitas serão annuciados com anticipação.

A assignatura já se acha aberta em casa do sr. Eduardo Ferreira Osorio. (Antigo loja de A. Pinheiro)

TOUROS



TOUROS

PRAÇA DE TOUROS

EM

AVEIRO

Domingo, 15 de julho, às 5 h. da tarde

No dia 15 do corrente mez, terá lugar uma brilhante e apparatusa corrida de touros, dada por uma *troupe* de amadores de Coimbra e Figueira. Tomará tambem parte n'esta corrida, o distincto cavalleiro amator, o ex.º sr. José Maria de Lemos, que virá expressamente da Figueira da Foz para este fim.

Os curiosos serão coadjuvados por alguns capinhas. Serão corridos 6 bravissimos touros, apartados a capricho das manadas d'um acreditado lavrador.

PREÇOS

Camarotes de sombra, 1\$500 rs.—Ditos de Sol, 1\$000 rs.—Superior 240 rs.—Sombra, 160 rs.—Galerias 140 rs.—Sol 120 rs..

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM

AVEIRO

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA		BISCOUTOS	
	KILO		KILO
D. Luiz	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	240 »	Canela 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	240 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requite 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» 2.ª	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corças a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

COMPANHIA DAS

Messageries Maritimes



A Empreza protectora, por contracto com a dita companhia offerce passagem nos magnificos paquetes francezes a shirem de Lisboa: GERONDE em 23 de julho Pernambuco, Bahia Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. — CONGO em 8 de agosto, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Buono Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ª passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48 —RUA DE JOSÉ ESTEVAM— 50